



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

MARIA DO SOCORRO PEREIRA DA COSTA

O SERVO SOFREDOR EM ISAÍAS 52.13-15:
Aplicado ao ministério contemporâneo

BELÉM – PARÁ

2013

NOMINATA

COORDENADOR DA FATEBE

Seminário Teológico Equatorial

Diretor Geral

Dr. D. B. Riker, Ph. D.

A FATEBE

Diretor Geral

Dr. D. B. Riker, Ph. D.

Diretor Acadêmico

Prof. Ms. José Carlos

Diretor Administrativo – Financeiro

Prof. Esp. Antônio Ronaldo Firmiano de Souza

Coordenador de Pesquisa e Pós – Graduação /

Sub-Coordenador de TCC

Prof. Ms. Elcio Sant'Anna

Coordenador Acadêmico de Teologia

Prof. Ms. José Carlos

Composição do Texto

Maria do Socorro Pereira da Costa



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

MARIA DO SOCORRO PEREIRA DA COSTA

**O SERVO SOFREDOR EM ISAÍAS 52.13-15:
Aplicado ao ministério contemporâneo**

TCC apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia à Faculdade Teológica Batista Equatorial: **O SERVO SOFREDOR EM ISAÍAS 52.13-15: Aplicado ao ministério contemporâneo.** Orientador: Prof. Ms. Elcio Sant'Anna.

BELÉM – PARÁ
2013

FICHA CARTOGRÁFICA

**Dados Internacionais de catalogação-na-publicação (CIP), Biblioteca
John S. Oliver / FATEBE, Belém, PA**

C837s

Costa, Maria do Socorro Pereira

O servo sofredor em Isaías 52. 13-15: Aplicado ao ministério contemporâneo / Maria do Socorro Pereira da Costa; Orientador: Elcio Sant'Anna. Belém: 2013.

46f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Teológica Batista Equatorial - FATEBE, Curso Bacharelado em Teologia, Belém, 2013.

1. Servo. 2. Isaías. 3. Antigo Testamento. I. Título.

CDD 224.1

O SERVO SOFREDOR EM ISAÍAS 52.13-15:
Aplicado ao ministério contemporâneo

Apresentação de Trabalhos Científicos

MARIA DO SOCORRO PEREIRA DA COSTA

Trabalho de conclusão do Curso apresentando
como Requisito final obtenção de grau em
Bacharel em Teologia pela FATEBE –
Faculdade Teológica Batista Equatorial.

Banca Examinadora

1. Elcio Sant'Anna
2. José Antônio Mangoni
3. José Carlos de Lima Costa

Aprovado em 13/ 03/2014

Conceito: 9,0

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem a menor sombra de dúvida, aos meus pais: João de Deus (in memoriam) e Cleonice B. Pereira, ao meu esposo João Augusto Silva da Costa, minhas filhas Débora Carolyne e Viviane Pereira da Costa, conhecedores e cúmplices de minha labuta acadêmica, aos meus mantenedores Gelson Rangel e Dinair Costa, a minha pretenciosa gratidão pelo apoio irrestrito, a todos os meus familiares, amigos e irmãos em Cristo Jesus que caminharam comigo essa jornada com seus apoios moral e espiritual. Aos professores da FATEBE que celebraram comigo o convívio da Palavra e dos estudos partilhados, durante esses longos quatro anos. Ao meu professor e reitor, Dr. Davi B. Riker a quem hipoteco minha gratidão pelos incentivos morais, espiritual e acadêmico. Ao Prof. Ms. Elcio Sant'Anna que de forma direta, pacientemente com muita inspiração ajudou-me como orientador acadêmico na elaboração a conclusão deste trabalho.

A todos os que de alguma forma foram impactados ou me impactaram durante a pesquisa.

“O que me preocupa não é nem o grito dos corruptos, dos violentos, dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética... O que me preocupa é o silêncio dos bons.”

Martin Luther King

RESUMO

Este esforço dedica-se a tarefa de estudar o servo sofredor, citado no quarto cântico, revelado a Isaías, que se mostrou um imenso desafio, ao passo que de uma responsabilidade indescritível. Independentemente da ênfase que se queria dar e por se tratar de uma personagem, no mínimo intrigante, há de se concordar com alguns eruditos no campo da teologia ao afirmarem ser o livro profético de Isaías e o Evangelho de Jesus presente no Antigo Testamento. Desta maneira teve que se tratar primeiro da discussão da autoria do livro, para que depois de forma dedutiva ir em direção da perícopes do quarto cântico do Servo Sofredor, mormente Isaías 52, 13-15, dentro do contexto que o Senhor do Servo menciona-se na primeira pessoa do singular. Isto foi necessário para que se pudesse lidar com as implicações para o ministério contemporâneo.

Palavras-chave: Servo, Cântico, Isaías, Antigo Testamento.

Abstract

This effort is dedicated to the task of studying the suffering servant, quoted in the fourth song, revealed to Isaiah, who proved to be a huge challenge while an indescribable responsibility. Regardless of the emphasis that wanted to and it is a character, at least intriguing, there has to agree to some scholars in the field of theology by claiming to be the prophetic book of Isaiah and the Gospel of Jesus present in the Old Testament. Thus had to tackle first the discussion of the authorship of the book that after a deductive way to go toward the pericope of the song of the Suffering Servant, especially chapter 52 of the book of Isaiah verse 13 to 15, within the context of the Lord of Servant mentioned to himself in the first person singular. This was necessary so that it could deal with the implications for contemporary ministry.

Palavras-chave: Servant, suffering, Isaiah, Old Testament.

SUMÁRIO

I- INTRODUÇÃO	11
II- UMA INTRODUÇÃO À AUTORIA DO LIVRO DE ISAÍAS	14
III- A MENSAGEM DO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR	24
3.1. O Texto do Segundo Cântico – Is 52:13-15.	24
3.1.1. Identificação do Texto.	24
3.1.2 Identificação da forma.	26
3.1.2.1. Quanto aos pronomes da poesia.	27
3.1.2.2. Quanto à estrutura da poesia.	27
3.1.2.3. Quanto às repetições da poesia.	28
3.1.3. Identificação do lugar social de Isaías 53: 13-15.	30
3.1.4. A mensagem.	30
IV – O SERVO SOFREDOR – UMA APLICAÇÃO CONTEMPORÂNEA ...	32
4.1. Ser Servo – Condição Primordial Para o Vocacionado.	32
4.2. O Significado da Palavra Servo.	33
4.3. Servir Implica em Ser Prestativo	35
4.3.1. Doar-se é Colocar Outros Acima de Seus Compromissos Pessoais .	35
4.3.2. Doar-se é Possuir Segurança	35
4.3.3. Doar-se é Não Se Preocupar Com Posição	36
4.3.4. Doar-se Somente Por Amor	36
4.4. O Servo Sofredor – O Lado Sacrificial do Ministério Pastoral.	37
4.5. O Servo Sofredor – A Personificação da Genuína Renúncia.	39
V- CONCLUSÃO	43
VI- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

I. INTRODUÇÃO

A mensagem do Servo Sofredor em Isaías 52: 13-15

A obra apresentada tem como um dos objetivos a aplicação da mensagem do Servo Sofredor como contribuição para o testemunho cristão nos dias atuais. Cada hipótese surgida no decorrer da pesquisa poderá ser avaliada e refutada.

Teremos como objetivo geral compreender o quarto cântico do Servo Sofredor à luz da atual realidade, buscando o verdadeiro sentido do sofrimento por ele expressado. Nos objetivos específicos usaremos as ferramentas hermenêuticas para a examinação da mensagem do mesmo, a identificação da importância do texto para o contexto eclesial atual.

Sendo assim, o presente trabalho não tem a pretensão, de ser última palavra sobre o assunto a ser tratado, porém faz questão de ser no mínimo relevante naquilo que se abordará e se propõe a fazer. Uma aplicação da mensagem do Servo Sofredor a partir de em Isaías 52,13- 15 para o contexto atual.

A pesquisa decorre da seguinte questão: Quais as contribuições que o “quarto cântico do Servo Sofredor” traz para o testemunho cristão em nossos dias?

Estudar o cântico do Servo Sofredor pode, pelo menos em tese, ajudar a Igreja cristã apresentar uma visão mais profunda de qual tenha sido o sentido do sofrimento do servo, assim como produzir uma identificação com a sua atitude. E principalmente levar os cristãos contemporâneos a uma ação consequente.

Como decorrência do problema central, surgiram também as seguintes questões secundárias:

- 1) Quais contribuições o sofrimento do Servo Sofredor traz para o academicismo hoje?
- 2) Uma vez identificado tais sofrimentos, pode haver paralelo na discriminação destes sofrimentos com a igreja hoje?
- 3) Como contemporanizá-lo e aplicá-lo face ao sentido ou estilo de vida da sociedade dita evangélica hoje?

A presente pesquisa se destina a:

Compreender o Canto do Servo Sofredor à luz da atual realidade, buscando o sentido do sofrimento por ele expressado.

Mais especificamente também se buscará:

Examinar a mensagem do Cântico do servo sofredor, comparando outras obras para uma análise contemporânea;

Identificar a importância deste cântico para o contexto eclesial atual;

Fazer uso da ferramenta hermenêutica para a construção de uma proposta mais próxima do contexto atual.

Esta pesquisa se fundamentou a partir dos Intérpretes de Isaías ligados à pesquisa bíblica latino-americana e entre outras, que atuam ou atuaram no contexto teológico do nosso continente. Para tanto mencionamos provisoriamente os seguintes:

CRABTREE, A.R; Vol. II A.R. Crabtree, A.B., D. B, Tr. D. 1ª Ed. 1967 – A profecia de Isaías; BARROS, Ernesto Thenn – O livro de Isaías, São Paulo: Imprensa Metodista, s.d.p – GARMUS, L. Criação e história em Isaías 40-55. Estudos Bíblicos, Petrópolis, 2006, 89.p. 33-43. – KLEIN, R. –Israel no Exílio. Uma interpretação teológica. São Paulo: Paulinas, 1990. 175p. – PIXLEI.J.V. A História de Israel a partir dos pobres, 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 136p.

O ato de produzir uma exegese, ou ainda uma hermenêutica sobre o texto bíblico aqui pesquisado, constitui-se numa tarefa não muito fácil. Visto que a lista dos pesquisadores e estudiosos da vida do profeta Isaías aponta para um considerável número de autores de nome e renome, tais como: Haroldo Reimer, J Ridderbos, Milton Schwantese Isaltino Coelho Filho, que quase sempre reconhecem a dificuldade de tal tarefa.

Sendo assim, o presente trabalho não tem a pretensão, jamais, de ser a última palavra sob o assunto a ser tratado, porém, faz questão de ser, no mínimo, relevante naquilo que aqui abordará e se propõe a fazer.

II. UMA INTRODUÇÃO À AUTORIA DO LIVRO DE ISAÍAS

A mensagem do *Servo Sofredor* é, sem dúvida alguma, uma das mais empolgantes de se ler em toda a Bíblia. Respeitando as opiniões contrárias, que é a mais bela de todas. Porém, não podemos faltar com a verdade dos fatos e implicações que estão por trás do texto sagrado que aborda o assunto aqui delimitado. Por certo, a grande projeção que possui tal texto, tem a ver com o autor deste, o qual tem aceitação entre os mais diversos grupos religiosos.

Trata-se de Isaías que segundo Archer Jr, distingue quatro etapas na crítica ao Livro de Isaías¹. Johann C. Doederlein foi o primeiro estudioso a publicar (em 1792) um argumento sistemático em prol duma data do século seis a.C para a composição de Isaías 40 – 66. Segundo Doederlein, Isaías do século oito a.C. não poderia ter visto a queda de Jerusalém. Os seus argumentos acerca da autoria e composição de Isaías influenciaram outros estudiosos do Antigo Testamento como o professor Eichhorn.²

Após várias análises históricas, as porções que se consideravam como sendo da autoria de Isaías do oitavo século defendida por Doederlein ficaram reduzidas a um total de poucas centenas de versículos. Com um levantamento geográfico chegou à conclusão que o autor (Isaías) viveu na Síria ou na Palestina e não na Babilônia. Argumento este que levou o Bernard Duhm, trazer a lume uma teoria de três Isaías, sendo que nenhum dos quais vivia em Babilônia.³

A teoria de Duhm, das interpolações do primeiro século, tornou-se difícilíssima de sustentar uma vez que os manuscritos de Isaías nos textos de Qumrã foram encontrados quase completos.⁴ Esta teoria da divisão não ficou sem resposta durante o século dezenove. No decorrer da história, vários estudiosos conservadores, como por ex: de Isaías Moritz Drechsler, Heinch A. Hahn, Carl Paul

¹ ACHER Jr, Gleason. *Merece confiança o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.264-264.

²DOEDERLEIN, Johann. Apud.Id. Ibid. p.264.

³EICHHORN. E DUHN. Apud. Id. Ibid. p.265.

⁴ Ver o comentários a Isaías. Em: GARCÍA MARTINEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.225-232.

Caspari, e Rudolph E. Stier sustentaram que Isaías escreveu todos os 66 capítulos.⁵ Segundo Archer Jr, podemos dizer que:

Na Inglaterra, o mesmo ponto de vista foi sustentado por Ebenezer Henderson, o qual refutou totalmente as teorias divisórias da pesquisa bíblica alemã. No século vinte, a tendência dos teólogos liberais tem sido avançar na história de Israel a data de porções “não-isaiânicas” ao invés de multiplicar o número de Isaías diferentes.⁶

Alguns estudiosos tais como W. H. Brownlee chegaram a um ponto de vista de que em todo o livro de Isaías temos evidências tão fortes quanto a sua unidade e coerência que sugere que o todo fosse organizado por uma só “escola isaiânica”.⁷ Diferente dos críticos divisionistas que defendem:

Isaías I (1 – 39) o centro da atenção do autor é ocupado por condições contemporâneas. Em Isaías II (40 – 66) o centro muda para o Exílio da Babilônia e a possibilidade duma volta à pátria original. Em termos gerais, os arquitetos da teoria dos dois Isaías pressupuseram, em bases racionalistas, a impossibilidade da revelação divina através de profecias genuinamente do futuro.⁸

Conforme J. A. Alexander indicou em seu comentário⁹, para esses críticos, simplesmente inexistente uma visão profética de futuro distante. Seu comentário faz uso de argumentação psicológica que deve ser levada em conta em sua análise da estrutura de Isaías.¹⁰

Raramente as Escrituras mencionam o nome duma figura histórica profetizada. Mas a mesma, quando for necessário, não tem hesitado em especificar nomes de pessoas e de lugares, nas profecias do futuro. É importante observar que a situação histórica que confrontava Isaías em 690 a. C.¹¹ deu amplos sinais de ser tão inusitada como era a predição sobre Ciro.

⁵ACHER, jr, Op Cit. p.265-266.

⁶ Id. Ibid, p.266.

⁷ Id. Ibid, p.266.

⁸ ALEXANDER, J. A. Apud. Id. Ibid, p.267.

⁹ Id. Ibid.

¹⁰ Id. Ibid.

¹¹ Id. Ibid.

Foram feitas diversas tentativas desde remover as referências a Ciro, classificando-as de interpolações.¹² Até na primeira parte de Isaías, enfatiza-se a predição cumprida, e muitos eventos futuros são preditos. Tais como no caso da vinda da “gloriosa Luz à Galileia numa geração futura (Is 9:1,2), que se cumpriu pelo ministério de Cristo setecentos anos mais tarde (Mt 4:15, 16)”.¹³

Em seguida, a situação com a qual Isaías se confrontava era a “idolatria grosseira da época de Manasses”.¹⁴ E essa geração de Manasses exigia uma série extensa de profecias previsíveis tais quais se acham em Isaías 40 – 66, dado ao seu afastamento da vontade de Deus.

Várias passagens como Isaías 41: 21-23, 42: 9,23, 43: 19, 12, semelhantemente em 44: 7, 8, demonstram que estas predições do futuro tinham o propósito de cumprir uma intenção de anunciar o bem especial, sendo a mensagem do único Deus verdadeiro.

Podemos perceber segundo E. J. Young, que os capítulos 1 – 39constituem “uma escada crescente que conduz o leitor do período assírio até o período caldeu”.¹⁵ Há uma relação entre as duas partes pertencentes, sendo que o primeiro é a preparação da segunda, e a segunda é a complementação da primeira. Ou seja, a atmosfera da época de Isaías estava cheia de ameaças referentes ao exílio.¹⁶

Finalmente, deve ser notado que um ponto de vista babilônico não prevalece tão extensivamente em todas as partes de Isaías II quanto os defensores da teoria dos dois Isaías mantiveram. Os que advogam um Deutero-Isaías procuraram achar muitas alusões a uma situação do fim do sexto século, quando estas são realmente susceptíveis duma outra interpretação. Existem evidências internas que mostram que a teoria de Deutero-Isaías é insustentável na sua enunciação por Doederlein, Eichhorn e Rosendmuller.

¹² Id. Ibid, p.269.

¹³ Id. Ibid, 270.

¹⁴ Id. Ibid.

¹⁵ YOUNG apud Id. Ibid, p.272.

¹⁶ Id. Ibid.

Estudiosos mais recentes tendem a considerar Isaías II como tendo sido composto ou na Palestina ou no Líbano do Norte. Muitas maldades que se praticavam durante o século oitavo ainda estavam em voga durante a geração de Isaías II. Tanto em Isaías I como em Isaías II, uma hipocrisia revoltante caracteriza a vida religiosa da nação (Is 29:13; 58:2, 4; 1:29; 57:5) .

Uma objeção muito decisiva para uma data pós-exílica para a composição de Isaías II se acha no número de passagens que se referem à idolatria em Israel como sendo um mal muito espalhado e prevalecente. No último capítulo, descobrimos que a idolatria ainda estava sendo praticada (Is. 66:17). Os tipos de cultos praticados, segundo o texto, eram exatamente aqueles que se cultivavam durante o reinado de Manasses, segundo a narrativa bíblica.

Quanto ao período pós-exílico, estudiosos de todas as convicções concordam que os judeus que retornaram a Judá entre 536 e 450 não trouxeram consigo nenhum vestígio de idolatria. Esta completa libertação da idolatria no Judá após Exílio é comprovada, além de qualquer dúvida pelos escritores que são reconhecidos como pós-exílicos, tais como os profetas Ageu, Zacarias e Malaquias, e os historiadores Esdras e Neemias.

Uma compreensão possível que se pode tirar é que não era conhecido o culto às imagens na área inteira. Somente na época de Antíoco Epifânio no século IIa.C, é que surgiu qualquer tentativa séria de reintroduzi-la entre os israelitas. Portanto, à luz desta evidência, é possível sustentar que Isaías II tenha sido composto durante qualquer época depois do Exílio, ou até depois da queda de Jerusalém.

O livro de Isaías tem um lugar e um papel importante na tradição bíblica e na formação de tradições religiosas do povo hebreu e também do cristianismo. Como se não bastasse, há inúmeros temas que se constitui em polêmico ou, porque não dizer, intrigante tanto para o senso comum, bem como, em meio aos estudiosos do Velho Testamento.

O presente capítulo, embora não expresse da parte desta autora, a intenção de ser repetitiva diante de tudo que já se possui sobre o assunto em questão, traz à

tona pesquisas de renomados teólogos que apresentam suas defesas em prol de diversas autorias em relação ao Livro de Isaías e sua autoria.

Teólogos como Gleason L. Archer Jr., José Severino Croatto, Haroldo Reimer, e Hans Werner Schmidt, conhecidos na língua portuguesa, defendem sua tese de forma contundente, e, nem por isso, podemos considerá-los hereges, caso não concordemos com seus argumentos, pelo menos servirão de parâmetro para nos ajudar a elucidar um pouco mais essa dúvida que gira em torno deste assunto neste livro veterotestamentário que para alguns autores é denominado de o Evangelho do Velho Testamento.

No decorrer da apresentação poderemos avaliar cada teoria dos autores citados para uma análise geral da problemática em volta do Livro de Isaías que dá-se início com Archer Jr, que defende que a obra inteira foi composta antes de 587, mais precisamente no século oito a.C. Croatto, por sua vez defende que as seções 1-39 e 40-55 tratam de uma só autoria, também do século VIII. Schimidt discorda destas teses citadas, defendendo outro autor que não o Isaías. E Reimer concorda com a autoria de um único Isaías.

Segundo Archer Jr. é importante notar o ponto de vista babilônico que não foi frequente em todas as partes de Isaías 40-66, defendido pelos que apoiam a teoria dos dois Isaías.¹⁷ Os que defendem esta teoria procuraram fazer referências a uma situação do final do sexto século.

Após um levantamento geográfico foi constatado a possibilidade de que Isaías 40 – 66 foi composto na Palestina e não na Babilônia. Em 1892, Bernhard Duhm chegou também à mesma conclusão. O ponto de vista geográfico de Isaías é inconfundivelmente palestinese. Referências como: 43:14; 41:9; 40:9 e outros conferem a geografia comum a todos.¹⁸

As evidências internas são para Doederlein, Eichhorn e Rosendmuller, insustentáveis quanto à teoria de Deutero-Isaías. Todavia os estudiosos de outras

¹⁷ Id. Ibid, p.274.

¹⁸ DUHM, Bernhard. Apud Id. Ibid.

orientações¹⁹ consideram Isaías 40-66 como tendo sido composto ou na Palestina ou no Líbano do Norte.

Em Isaías 29:13; 58:2,4; 1:29; 57:5 retratam a hipocrisia como característica da vida religiosa daquele contexto do século oitavo durante a geração de Isaías. Há numerosas passagens referentes à idolatria em Israel que objetam decisivamente uma data pós-exílica de Isaías. No último capítulo era notória a prática da idolatria, sendo as mesmas práticas cultivadas durante o reinado de Manasses, segundo os relatos bíblicos.²⁰

Segundo Archer Jr. estudiosos em geral concordam que os judeus retornaram a Judá entre 536 e 450 e não foi encontrado nenhum sinal de idolatria. Os profetas chamados de pós-exílios como Ageu, Zacarias e Malaquias e os historiadores Esdras e Neemias foram testemunhas da completa libertação da idolatria no Judá do após Exílio.²¹

A idolatria só foi reintroduzida na época de Antíoco Epifânio no segundo século a.C., entre os israelitas. Com isso, para Archer Jr, é impossível afirmar que Isaías 40-66 tenha sido composto durante qualquer época depois do Exílio, “ou até mesmo depois da queda da cidade de Jerusalém”.²²

Archer Jr conclui que a obra inteira foi composta antes de 587 a.C; portanto o argumento inteiro em prol do Dêutero ou Trito-Isaías cairia por terra, com bases na sua leitura das evidências internas.

É por isto que em outra ocasião, Archer Jr lembra-se de forma conclusiva que é de consenso entre os escritores do Novo Testamento que Isaías 1-39 e 40-66 são de uma mesma autoria. Segundo Archer Jr., as citações de Isaías poderiam ser

¹⁹ Entre outros: SCHMIDT, Werner. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p.245-257. REIMER, Haroldo. A tradição de Isaías. Em: *Estudos bíblicos*, n.89. v. 1. Petrópolis: Vozes, p. 9-18. 2006. CROATTO, J. Severino. *Isaías: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55 – A libertação de possível Série: Comentário bíblico. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 11-13, 22-26.

²⁰ ARCHER, Jr. Op. Cit. pasin, p.275-280.

²¹ Id. Ibid, p.279.

²² Ib. Ibid.

interpretadas através do seu título tradicional, sendo que outras referências se referem ao próprio Isaías histórico.²³

Ocorre que ao longo dos tempos, um e outro intérprete foi percebendo diferenças entre as partes do livro. Assim, há necessidade da busca de uma definição mediante uma análise bem mais acurada com base no que teólogos de relevante nome pensam sobre o assunto aqui abordado.

Partindo da premissa que não se está lidando com um assunto de consenso pela maioria, sabe-se que durante a maior parte da história da transmissão dos textos da Bíblia hebraica, o livro de Isaías era lido como um conjunto homogêneo de textos, embora com diferenças na linguagem, atribuídos ao profeta Isaías, historicamente localizado no final do século VIII aC, como já mencionado acima. Vejamos então, sintetizadamente o pensamento dos autores abaixo:

Segundo Croatto, o “Dêuteroisaiás” não é um texto separado de uma seção de 1 – 39. Conforme, a tradição o texto é considerado como parte de um único livro, o de Isaías. A crítica bíblica das fontes definiu uma seção especial que são os capítulos de 40-55. A esta seção deu-se o nome de “Segundo Isaías”, o que para Croatto é incorreta.²⁴ Pois para ele trata-se de uma só autoria de um período posterior.

Segundo Croatto, o texto de Isaías de 1-39 nos fornece releituras mais do que palavras do Isaías de Jerusalém. O profeta, fala ou escreve sobre o final do exílio(em meados do século VI), assim como também Reimer que afirma que o “Deuteroisaiás” é uma figura profética com atuação entre os exilados na Babilônia no século VI aC.²⁵

Para a crítica bíblica das fontes de Isaías, existiria uma divisão em duas partes de Isaías: apresentados no cap.40 e por uma conclusão do cap. 55, formando

²³ Id. Ibid, pasin, p.285-286.

²⁴ CROATTO, J. Severino. Op. Cit, p.11.

²⁵ REIMER, Haroldo Op. Cit. p.10

um todo.²⁶ Segundo Reimer esta parte de Isaías em termos de conteúdo “apresenta a consolação ao Israel deportado, da compaixão de Javé e as críticas não mais sociais e sim religiosas”.²⁷

Reimer ambientaria Isaías 40-55 no contexto do cativo babilônico. Várias passagens do Segundo Isaías procuram ‘refazer’ e ‘revestir’ a pessoa de Javé com atribuições tomadas de uma teologia babilônica.²⁸ O Deus que atua na história passada e atua no presente.²⁹ Sendo assim, Israel é ‘testemunha’ de Javé dentro desta memória histórica.³⁰ Assim textos de Isaías 40-55 tais como os poemas do *Servo Sofredor* podem ter sido bem recebidos pelos deportados, pois estes colocavam a comunidade exílica como elemento vicário e purificador de Israel.³¹

Da mesma forma para Croatto, os capítulos 40-55 de Isaías são muito mais do que a pregação do exílio. A Babilônia é presente na obra como um paradigma do contexto da diáspora dos judeus e israelitas dispersos por todo o mundo. Para uma compreensão do material apresentado por Croatto é necessário situar-se de todo o contexto histórico do exílio. O material “dêutero-isaiânico contém a maior parte da obra”.³¹

Werner Schmidt, mais fiel a uma crítica bíblica mais acadêmica, em sua *Introdução ao Antigo Testamento*, afirma que em Isaías 40-55 surgiu outro autor que não o “Isaías de Jerusalém”, pois faz uma comparação dos contextos dos caps. 1-39, o qual é totalmente diferente, datando os caps. 40-55 como sendo de dois séculos depois de Isaías.³²

E mais, segundo ele nas passagens de Isaías 40-55 não serem encontradas informações cronológicas, podendo assim inferir somente a localização geográfica

²⁶ Id. Ibid, p.11.

²⁷ Id. Ibid.

²⁸ Id. Ibid.

²⁹ SANT’ANNA, Elcio. *Criação e recriações cosmogônicas em isaías 51, 9-11: Um estudo do uso do mito cosmogônico pelo Dêutero-Isaías para o entendimento da comunidade dos cativos judaítas em Babilônia*. 123f. [Dissertação Mestrado – UESP – SBC], p.91-92.

³⁰ REIMER, Haroldo. Loc. Cit.

³¹ CROATTO, J. S. Op. Cit, p.12-13.

³² Schmidt, H, W. Loc. Cit.

(no caso a Babilônia), afirmando o autor que as passagens de Is 56-66; 24-27, são anônimos referentes ao profetismo.³³

Segundo SCHMIDT, o profeta Ezequiel atuou no princípio do exílio, enquanto o Deuterolsaías aparece na época tardia do exílio, entre 550-540 a.C.³⁴ Podemos relacionar Isaías 40-55 com os eventos acontecidos em 546 a.C. É bem provável que a vitória de Ciro sobre o rei lídio Creso tenha refletido nos textos proféticos (41.2s., 25; 45.1ss), mas não a tomada da Babilônia em 539 a.C.³⁵

O Deuterolsaías se reportou às vítimas da catástrofe, ao “restante da casa de Israel” (46:3). Este via seu povo enfrentando o desespero dos seus contemporâneos que se lamentavam: “Javé me abandonou” (49.14; 40.27; cf. 45.15: “um Deus que se esconde”).³⁶

Assim, Hans Werner Schmidt acredita que Deuterolsaías abriu mão do gênero literário importante para o profetismo pré-exílico. Adotando várias acusações dos seus antecessores. Apesar de utilizar algumas vezes gêneros literários do profetismo, as categorias literárias decisivas são de “origem não-profética” segundo J. Begrich.³⁸

O autor acima citado afirma que existem na base de Is 40-55, palavras isoladas, de forma oral, que foram transformadas e ordenadas posteriormente em unidades temáticas e querigmáticas.

A visão de dêutero-isaiânico tem a função de vocacionar o profeta, assim como também anuncia intenções diferentes. Assim, Werner afirma que a visão é pura audição; nada é invisível, onde o “dêutero-isaiânico” podia ser participante como Isaías, no régio conselho de Deus, sendo testemunha do próprio Deus.

³³ Id. Ibid, p. 245.

³⁴ Id. Ibid.

³⁵ Id. Ibid.

³⁶ BERGHICH, J. apud Id. Ibid, p. 246.

O fim do tempo de servidão, o sofrimento, e o anúncio de um novo tempo, o próprio Deus trazendo esperança aos exilados. A promessa da nova esperança aos cansados, pois os ouvintes céticos, não queriam se envolver.

Foi na situação do exílio que o “dêutero-isaiânico” defendeu sua promessa de salvação, perante a fé não israelita e perante o poder das divindades babilônicas (cf.46.1).

A salvação não se limita aos que são atingidos diretamente, mas é concreta diante de todo o mundo (40.5,10) incluindo também todos os povos. O “dêutero-isaiânico” afirma a visão da atuação única de Deus no cosmos: Eu crio a luz e as trevas, concedo a salvação e a desgraça (45.7). “Eu sou o primeiro e o último, e além de mim não há Deus” (44.6;48.12 e outras).

Sendo assim, o “dêutero-isaiânico” enfatiza o primeiro mandamento, e espera que no futuro seja cumprido em todo mundo. O “mensageiro” encarregado para atuar é o próprio povo de Deus (42.19) e também será sua “testemunha” (43.10,12; 48.8): “Eis que chamarás a uma nação que não conheces” (55.5). Provavelmente não se refere a uma “missão” de Israel, mais a da ampliação do povo de Deus mediante a fusão de estrangeiros. Assim, em todo o livro de Dêutero-Isaiás encontramos nos cânticos do servo de Deus elementos de salmos, salmos de lamentações e literatura sapiencial.

III. A MENSAGEM DO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR

A perícopé apresentada deve ser entendida como uma unidade de sentido, com uma mensagem própria. É um texto poético, sendo o quarto cântico. Um dos mais belos e, que para o cristão apresenta uma dimensão profunda da figura do Senhor Jesus Cristo. Os três versos (13-15) apresentam a figura do “servo sofredor” em três estágios que serão apresentados no decorrer da pesquisa.

3.1 O texto do Segundo Cântico – Is 52, 13-15

הִנֵּה יִשְׁכִּיל עַבְדִּי יְרוּם וְנִשְׂא וְגִבָּה מְאֹד:¹³
כְּאֲשֶׁר שָׁמְמוּ עָלָיו רְבִים³⁷ כִּן־מִשְׁחַת³⁸ מֵאִישׁ מֵרְאֵהוּ וְתִאָרוּ מִבְּנֵי אָדָם:
כִּן יִזָּהֶר³⁹ גּוֹיִם רְבִים עָלָיו יִקְפְּצוּ מַלְכִים פִּיָּהֶם כִּי אֲשֶׁר לֹא־סָפְרוּ לָהֶם רְאוּ וְאֲשֶׁר לֹא־
שָׁמְעוּ הִתְבּוֹנְנוּ:¹⁵

Eis que prudentemente agirá,
agirá com prudência, meu servo.
Será elevado e exaltado em abundância.
como muitos desolaram-se de tua face desfigurada,
e de teu aspecto mais que de qualquer homem
e tua feiura para além de filhos de homem.
E causará admiração às muitas nações diante dele reis fecharão sua boca,
quando que não contaram para eles verem,
e quando não escutaram para entenderem.⁴⁰

3.1.1. Identificação do texto.

Quando desejamos tratar exegeticamente de um texto precisamos inicialmente fazer a identificação da perícopé. O texto que temos diante de nós precisa ser verificado em seu início e final.

³⁷ Segundo D Winton Thomas, o Editor do Livro de Isaías da BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA a ocorrência b-b propõe que parte do v.14 de Is 52 seja transposto para o final de Is 53,2 conforme manuscritos siríaco e do Cairo.

³⁸ Segundo J.A. Alexander indicou no seu comentário (Vol. I, p.25), a suposição básica de todos os críticos, por maior diferença que exista entre eles, é que simplesmente inexistente a visão profética distinta do futuro distante.

³⁹ Segundo E. J. Young, os capítulos de 1 – 39 constituem “uma escada” crescente levando o autor do período assírio ao período caldeu.

⁴⁰ Tradução provisória com base na BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. W. Rudolph (Ed). Editio Quinta Emendata. Sociedade Bíblica do Brasil & Deutsche Bibelgesellschaft, 2009, p. 758-759.

O texto de Isaías 52, 13-15 conhecido como o *Quarto Cântico do Servo Sofredor* tem sido entendido por muitos como apenas o início de um texto maior que deveria ir até Isaías 53,12. Todavia entendemos que alguns aspectos não têm sido considerados nesta questão.

Uma perícopes para ser identificada deve manter coesa, sua unidade durante todo tempo. Existem algumas maneiras para fazer a sua verificação. Em primeiro lugar os proponentes e agentes devem se manter consistente ao longo do texto. Assim sendo vejamos o quadro abaixo:

Texto	Proponente	Personagens
¹³ Eis que o meu Servo procederá com prudência; será exaltado e elevado e será mui sublime.	O Senhor: Meu servo (1psm) ⁴²	O Senhor, o servo, reis, nações(3psm) (3ppm)
¹⁴ Como pasmaram muitos à vista dele (pois o seu aspecto estava mui desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a sua aparência, mais do que a dos outros filhos dos homens),		
¹⁵ assim causará admiração às nações, e os reis fecharão a sua boca por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão.⁴¹		
Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR?	O profeta: nossa pregação,	O profeta e os que estão a sua volta.
² Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; não tinha nenhuma beleza havia que nos agradasse.	nossas enfermidades, nossas dores,	Servo (3psm)
³ Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.	nossas transgressões e nossas iniquidades	
⁴ Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.	BZ(1ppm)	
⁵ Mas ele foi traspasado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados.⁴³		

⁴¹ Isaías 52.13-15

⁴² Psm - Pessoa do singular masculino. Ppm - Pessoa do Plural masculino.

⁴³ Isaías 53.1-5

No texto o Senhor inicia falando do seu servo. Este é apresentado como sendo de sua propriedade particular, quando é dito: “meu servo”.⁴⁴ O Senhor fala de seu servo na primeira pessoa do singular masculino: “meu”. Mas quando o servo é mencionado no texto refere-se a ele na terceira pessoa do singular.

Tal estrutura é totalmente perdida quando começamos a ler Isaías 53, 1-5. O proponente do texto fala de si na primeira pessoa do plural masculino: “Quem creu em nossa pregação?”. Fala também: “ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores, levou sobre si”. Além disto, diz: “Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades”.

Desta maneira podemos indicar que a perícópe em estudo deveria ser representada da seguinte forma: Is 52,13-15. Logo o texto deve ser entendido como uma unidade de sentido, com uma mensagem própria.

3.1.2 Identificação da forma

O texto apresentado tem características específicas. É um texto poético, recheado de repetições. O verso inicial corresponde à frase final do mesmo. Sendo que o verso 14 é mais complexo, remontando o versículo seguinte. Os três versos apresentam a figura do “servo sofredor” em três estágios (sucessivamente v. 13,14 e 15).

Do ponto de vista literário, é um texto complexo, podendo ser indício de uma origem em etapas ou de uma redação com elementos díspares. Acontece a mudança do locutor: em 52,13-15 é Javé um “eu”, em 53,1-10, um “nós” (o v.8 parece ser uma exceção) e novamente Javé é o locutor em 53,11-13.

V.13 Eis que prudentemente agirá, meu servo, - **(Ele)**
Será elevado
e exaltado em abundância.

⁴⁴ Isaías 52,13

v.14 Como muitos desolaram-se de tua face desfigurada, - **(Tu)**
 E de teu aspecto mais que de qualquer homem
 E tua feiura para além de filhos de homem

V.15 E causará admiração às muitas nações diante dele,- **(Ele)**
 reis fecharão sua boca
 quando que não contaram para eles verem,
 e quando não escutaram para entenderem.

3.1.2.1. Quanto aos pronomes da poesia:

O texto parece ter um formato de uma poesia em três estrofes. O poeta menciona-se na 1ª pessoa do singular para os seus ouvintes: “Eis que prudentemente agirás, meu servo” (v.13a). Fala também como se seu servo se apresentasse em diferentes pessoas do discurso: a) a primeira estrofe tratando do Servo na 3ª pessoa do singular: “Será elevado e exaltado em abundância” (v.13b); b) a segunda falando dele na 2ª pessoa do singular: “tua face desfigurada...” (v.14a); e c) a terceira retomando a pessoa do discurso da primeira estrofe: “E causará admiração às muitas nações diante dele” (v.15a) .

3.1.2.2. Quanto à estrutura da poesia:

“A primeira estrofe concentra-se em apresentar um perfil magnífico do servo, fazendo uso das seguintes qualidades: a) “prudência”; b) “será elevado”; e c) “exaltado em abundância” (v.13). Assim, o texto tenta apresentar aspectos distintivos do Servo do Senhor.

Já na segunda estrofe o profeta deixa-se levar pela aparência do Servo sofredor. O Servo é descrito de forma negativa da seguinte maneira: a) “tua face desfigurada”; b) “teu aspecto mais que de qualquer homem”; e c) “tua feiura para além de filhos de homem” (v.14). Deste modo que a segunda estrofe se coloca em uma posição oposta à primeira, provocando a percepção de que não se trata só de um excelentíssimo Servo mais também de um que se mostra deformado.

A terceira estrofe apresenta a figura do Servo sofredor na 3ª pessoa do singular, como aquele que causou uma espécie de espanto, e ao mesmo tempo em

que se apresentou com uma forma irrefutável. Todos foram afetados em sua presença. Quando postos diante dele ficariam atônitos e perplexos, pois não teriam elementos para avaliá-lo: a) “causará admiração às muitas nações diante dele” (v.15a); b) “reis fecharão sua boca, quando que não contaram para eles verem” (v.15b); c) “quando não escutaram para entenderem” (v.15c).

3.1.2.3. Quanto às repetições da poesia:

Como em toda a poesia profética hebraica o texto faz uso de diversas repetições complexas e multiformes.⁴⁵As repetições buscam sinonimizar as informações sobre o Servo. No v.13 o profeta tenta produzir um efeito de importância com o uso de repetições de forma livre: “prudente, elevado e exaltado”. Cada uma das repetições acumula sobre o Servo maior prestígio.

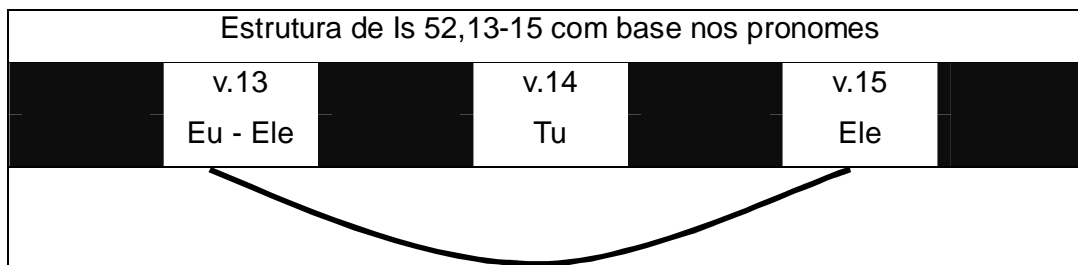
Já no v. 14 o uso das repetições se fundamenta nos pronomes. Todos eles são utilizados na 2ª pessoa do singular, no caso possessivo. Assim sobre as particularidades do Servo (sua face, seu aspecto e sua feiura) que são imediatamente relacionadas a ele: “tua...teu...tua”. Além disto, este mesmo verso utiliza o termo “homem” para realizar comparações como Servo (Seu aspecto é mais que de “qualquer homem e sua feiura para além de “filhos de homem”) que servem para fazer entender sua aparência.

No v.15 o uso das repetições se fundamenta nos pronomes pessoais (possessivos e retos), a) utilizados na terceira pessoa do singular: “...muitas nações diante dele” (v.15a); b) e nos dois usos na terceira pessoa do plural: “...quando que não contaram para eles verem” v.15b); e “quando não escutaram para entenderem” (v.15c). Já o uso dos verbos “contar, escutar e entender” é referente a grande admiração causada pelo Servo sofredor.

Assim podemos verificar que a forma de Is 52,13-15 é complexa, pois do ponto de vista dos pronomes o v. 13 após fazer uso do pronome possessivo na 1ª

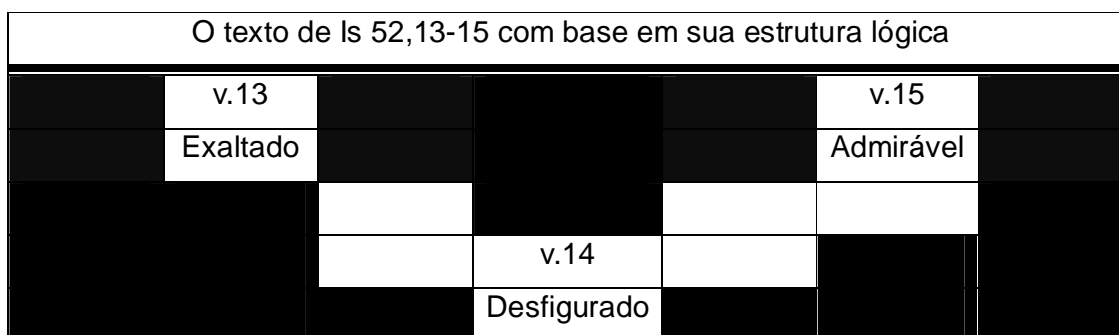
⁴⁵ SCHWANTES, Milton. *Da vocação a provocação: Estudo exegético em Isaías 1-12*. São Leopoldo, 2011, p.43.

pessoa do singular, menciona o Servo com pronome pessoal do caso reto na 3ª pessoa do singular, mas, no entanto, o v.14 fala dele na 2ª pessoa do singular, para retornar ao pronome anterior no v. 15, sugerindo a seguinte curva:



Deste modo, o texto estudado do ponto de vista dos seus pronomes assume uma forma que pode ser indicada nos seguintes termos: Is 52. 13,15 [14].

Já do ponto de vista da estrutura o texto de Is 52, 13-15 apresenta um formato tripartite. O v. 13descreve o Servo como alguém de elevado valor. Este é prudente, exaltado etc... Mas o v.14 apresenta o servo de forma desfigurada, feio, sem atrativos. Todavia, o v. 15 fala dele de forma admirável, todos ficam perplexos e atônitos. O texto assim apresenta uma estrutura que pode ser visto como uma forma de “zig-zag”.



Trata-se de uma introdução, uma apresentação à proclamação mais completa.⁴²

3.1.3 Identificação do lugar social de Isaías 52. 13-15

O texto em questão está situado na segunda parte do livro. Nesse momento, não se fala mais da Assíria, o poder dominante do Oriente próximo no período de Isaías de Jerusalém (Is 36-38). O inimigo, agora, é outro. É Babilônia. Até o contexto geográfico e histórico é bem diferente. Judá e Jerusalém haviam caído no poder de Nabucodonozor, e a melhor parte de seus habitantes se achava na Babilônia. Tanto Jerusalém quanto a Palestina encontrava-se em ruínas. Isaltino Gomes ao falar deste ponto do livro, e informa o seguinte:

A própria estrutura literária desta segunda parte nos ajuda a entender o seu contexto histórico. Há um prólogo (40.1-11) e um epílogo (55.6-13). Entre estes dois, o tema histórico central é o retorno de Judá. A nação sairá do cativeiro babilônico e regressará para a sua terra. Este movimento de regresso foi tão fantástico que se costuma chamá-lo de “o segundo êxodo”. Pela segunda vez em sua história, Israel saiu de uma terra estrangeira onde servia como escravo e foi para a terra que Iahweh lhe dera.”⁴⁶

Se Isaltino tiver razão, então é possível contextualizar a mensagem do Servo Sofredor dentro do ambiente histórico do cativeiro. Quando os judeus estavam em situação de penúria, eram escravos. Não tinham direitos até mesmo como os dos seres livres. Isto explicaria até o título do ungido do Senhor na poesia. Para os cativos de Babilônia, o Senhor apresenta-lhes o Servo Sofredor.

Se os leitores do cântico do Servo forem os cativos de Babilônia, poderiam se identificar com a figura do Servo. Poderiam encontrar forças e esperanças, naquele fora exaltado, e humilhando-se encontrariam entre reis e nações a admiração. Seriam abençoados pela vontade do Senhor.

31.4. A mensagem

O Quarto Cântico do Servo Sofredor é o mais extenso, o mais conhecido, e também o mais cristológico. Neste cântico a questão do sofrimento, que antes citada nos cânticos anteriores, avulta de forma mais intensa.

⁴⁶ COELHO, Filho. Isaltino. Op. Cit, p.32.

E isto o torna um dos mais belos textos da Bíblia. Para o Cristão é um retrato perfeito de Jesus Cristo. Crabtree denomina os seguintes versos do texto em questão como “Homem de dores”.⁴⁴ Para ele sua mensagem anunciou a morte salvífica do nosso Senhor Jesus.

IV. O SERVO SOFREDOR – Uma Aplicação Contemporânea

Todo ministro do Senhor bem que poderia espelhar-se na figura do Servo Sofredor. Partindo da premissa de que o próprio Senhor Jesus o foi, pois foi ele quem ratificou isso ao dizer: “Pois o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mc 10,45). A questão é: Quem é idôneo para essas coisas? Sem dúvida alguma é uma atitude que se pode considerar bastante romântica, ao passo que, admite-se não ser uma tarefa tão fácil de cumprir. Pois, há no texto dois verbos que encerram ideias que nos parecem um tanto extintas no dia de hoje, a saber: servir e dar. Servir no sentido exato da palavra, e dar, no sentido de doar-se.

Há muitas implicações que circundam esta afirmação do mestre. E, por isso, é necessário que se analise no seu todo o texto acima citado. Já salientando que não se pretende aqui esgotar o assunto por motivos diversos, até por entender que seria muita pretensão da parte desta autora. Mas também, adianta-se que não se pretende optar pela mediocridade. Sendo assim, vejamos então:

4.1. Ser Servo – Condição Primordial Para o Vocacionado

É possível que muitos vocacionados ao ministério da Palavra tenham uma ideia, um tanto, distorcida da designação de “servo”. Para muitos, talvez o que lhes venha à mente é a figura daquele indivíduo que está mais para um “capacho”, pobre coitado, do que para um estilo de vida de sucesso no campo religioso. E, com o advindo dos movimentos que têm surgido, advogando que sofrer não é para os crentes, muito menos para pastor, movimentos estes que citamos como principal a teologia da prosperidade.⁴⁷ Esta, a propósito, é alvo das considerações de Coelho Filho, ao afirmar:

⁴⁷ Para maiores aprofundamentos ver ANDRADE, Joaquim de. Teologia da prosperidade. Em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/TeologiaProsperidade-JAndrade.htm>. Acessado em 29/11/2-13.

“Um dos graves problemas da teologia da prosperidade é que, embora ela aceite a vicariedade do sofrimento de Jesus, a vê, no entanto, como produtora de uma igreja já vitoriosa na luta contra doenças e contrariedades da vida. Diferentemente do conceito de igreja militante, pensa ela numa igreja já triunfante, aqui na terra. O poder espiritual do maligno é substituído pelo seu poder de infligir doenças. Toda batalha espiritual se processa em nível de saúde e bens materiais.”⁴⁸

O resultado é drástico, sem falar do fato de ser uma incoerência por insultar uma batalha material contra seres espirituais. E no bojo de tudo isso pastores veteranos menos convictos se vendo tentados a, no mínimo, repensar sua teologia, filosofia de ministério, denominação, igreja, vocação etc.

Quanto aos novos obreiros, o que se percebe é medo naqueles que discordam dos movimentos, até por serem estreados no campo da teologia, já que encontram dificuldade para confrontar de forma filosófica ou exegética. Como se não bastasse, os que concordam ou simpatizam, uma vez empurrados pela ambição secular e necessidade de afirmar-se vocacionalmente e somado ao ímpeto da juventude (pois são na maioria jovens), optam por fazer a coisa de forma mais drástica, sem se importar com as consequências que possam surgir à frente.

Portanto, é mister que se tenha um conceito mais exato do sentido da palavra servo e no que possa implicar na vida do crente, sobretudo, para os do presente século que sofrem toda carga de influência, entre as quais, as já citadas acima. Também é necessário se ter, ainda que em ensaios, matérias e/ou ferramentas de aplicações à vida cotidiana na qual os ministros do Senhor estão envolvidos.

4.2. O Significado da Palavra Servo

O sentido da palavra aqui é a mesma que aparece na obra de Crabtree: *A Doutrina Bíblica do Ministério* esclarece que o termo grego utilizado para designar “servo” é **diákonose** que em Mc 10.45, o verbo é conjugado como **diakonéo**, este versículo é a tese do evangelho de Marcos, bem como, explica a regeneração da

⁴⁸ COELHO, Filho, Isaltino. Op. Cit, p.173.

palavra servir.⁴⁹ Segundo Crabtree, Jesus se dedicou a ensinar a seus discípulos a “dignidade da palavra Servir”.⁵⁰

De tudo que se possam agregar valores no Reino de Deus, tal concepção torna-se muito proveitosa, pelo fato de Jesus ensinar a verdadeira grandeza. Ainda que de forma insistentemente, aos seus discípulos que por sua vez ambicionavam ocupar posições de poder e prestígio no Reino. Se esta lição tivesse sido aprendida pela igreja do Senhor, sem dúvida alguma, teríamos outra qualidade de cristãos para o dia de hoje, conseqüentemente, um cristianismo bem mais parecido com o seu idealizador no quesito submissão.

Outro termo que poderia se enquadrar aqui seria **doulos** (ou **obedi** em hebraico), que traduzindo significa **escravo, servo**. Porém, seu sentido está mais pra escravo ou servo doméstico, pois apesar de ser sinônimo de **diaconós**, acentua ainda mais a submissão à autoridades. Crabtree observa que tal termo serve para descrever a mentalidade espiritual dos pregadores do evangelho em sua relação com Cristo.

De qualquer maneira, o termo figurado lançado para o campo espiritual aplica-se ao sentido de que os escravos de Cristo, uma vez motivados pelo amor e pela gratidão, obedecem voluntariamente à vontade dele, além de trabalhar para levar avante a sua mensagem no mundo. É importante que constatemos também, que pela forma como foram usados estes termos no Novo Testamento, não se pode deixar de notar que em toda parte Cristo tem autoridade absoluta sobre a consciência e a vida de seus servos. Para Crabtree, este lado paradoxal da Bíblia, num texto ou outro, é expresso da seguinte maneira:

“São comprados por ele, pelo preço mais caro possível. Embora escravos de Cristo, são as únicas pessoas neste mundo que ficam verdadeiramente livres. Este é um dos maravilhosos paradoxos do evangelho cristão.”⁴⁹

Sendo assim, servo conforme designação bíblica compreende o serviço prestado a Deus, como sendo o Senhor e dono de tudo que se possa ter e ser. Compreendendo, portanto duas dimensões: A primeira, que no sentido vertical, tem

⁴⁹CRABTREE, A. R. *Doutrina Bíblica do Ministério*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1956, p.25.

⁵⁰ Id. Ibid.

a ver com a relação do homem para com Deus; e a segunda no sentido horizontal, que compreende a relação do homem a com o próprio homem.

4.3. Servir Implica em Ser Prestativo

Ser prestativo é ter muito mais que atitude. É sair do mundo da teoria e materializar com práticas que possam valorizar, bem como, beneficiar todo e qualquer semelhante. Pensar nisso, constitui-se um desafio para o ministro que vive no mundo moderno, onde cada pessoa busca seus próprios interesses, não se importando com seus semelhantes.

É bem verdade que, em se tratando de ser humano, sempre nos preocupamos com os nossos anseios em primeiro lugar. Porém, o que queremos destacar é o contrassenso que percebemos na sociedade atual. Pois, nunca o mundo foi tão competitivo, mas mesmo com todos os seus recursos em prol de terceiros, mas o que se percebe são pessoas cada vez mais individualistas.

Cabe aqui a segunda parte do texto bíblico de Mc 10.45, em que Jesus Cristo referiu-se a ele mesmo como que tendo vindo para “**Se Doar**”.

“Pois também o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para **dar** a sua vida em resgate de muitos.”⁵⁰

4.3.1 - Doar-se é colocar outros acima de seus compromissos pessoais

Este o primeiro sinal para quem se propõe a doar-se em prol de terceiros no afã de torna-se prestativo. Significa mais do que colocar seus compromissos de lado. É estar deliberadamente consciente das necessidades das pessoas, disponível para ajudá-las e disposto a encarar seus desejos como importante.

4.3.2 - Doar-se é possuir segurança

A segurança é o ponto verdadeiramente crucial quando a questão é ser prestativo. Do ponto de vista filosófico, acredita-se que a forma como tratamos os

outros de fato reflete o que pensamos sobre nós mesmos. John C. Maxwell abordando sobre as qualidades de um líder afirma:

“A Lei do Fortalecimento diz que só líderes seguros delegam poder aos outros. Também é verdade que só líderes seguros demonstram ser prestativos.”⁵¹

4.3.3 - Doar-se é não se preocupar com posição

O ministro que se propõe doar-se prestativamente não deve se concentrar na hierarquia ou na posição que possa ocupar. Caso contrário, terá grande dificuldade em exercer seu ministério. Tendo em vista, o mesmo ser um grande “oportunizador” de fatos que envolvam indivíduos diversos. E isso, é não selecionar indivíduos por classe e nem hierarquia profissional.

4.3.4 - Doar-se somente por amor

O ato de doar-se não pode ser motivado por manipulação ou autopromoção. Ele é estimulado por amor. No final, o alcance de influência e empatia vai depender da profundidade que o ministro demonstra pelos outros. Quando a igreja constata no seu pastor o amor genuíno, ela se submete de tal forma, que não pode dimensionar o alcance desta submissão.

O evangelista João, ao falar do inexplicável amor de Deus em Jo. 3.16, diz que o mesmo foi de tal forma que o levou a **doar** seu único filho, Jesus. Daí o que podemos afirmar que qualquer que seja a doação deve ter como motivação maior o amor como principal ponto de aferição, seja ela: material, de serviço ou valores outros. Paulo, ao discriminar as características do amor em sua carta de primeiro aos Coríntios 13, ressalta que tal amor não pode ser: invejoso, soberbo, interesseiro, além de que, em hipótese alguma, se irrite, suspeite mal ou que se regozije com a injustiça além de outros.

Tais atributos do amor estão isentos em milhares de milhões de ações beneficentes no mundo inteiro. Ao passo que o ministro do Senhor deve fazer a

⁵¹ MAXWELL, John C. *As 21 indispensáveis qualidades de um líder*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007. Págs. 112-116.

diferença conforme ensinado pelo seu mestre maior, Jesus, o qual ele mesmo foi à verdadeira encarnação deste amor.

Crabtree acentua ao afirmar que este amor da parte do ministro do Senhor, é uma resposta à chamada divina em prol das pessoas sem Deus e sem esperança neste mundo.⁵² É bem verdade que enquanto o amor à humanidade seja o motivo primordial do serviço do ministro cristão, admitimos aqui o fato de que não é fácil manter acesa esta compaixão. Pois, os servos de Deus são sujeitos à tendência humana de limitar as suas relações pessoais, às pessoas mais simpáticas cuja amizade seja mais preciosa. Sobre esse ponto trataremos a respeito mais adiante especificamente.

Sendo o cristão um líder espiritual cabe aqui um trecho do livro “Liderança Espiritual” em que seu autor ao tratar das qualidades de um líder-servo, a primeira a ser abordada é sobre o amor que o líder espiritual deve nutrir pelos seus liderados. Eis a conclusão do ponto citado na obra acima:

O líder incapaz de amar e que não leva em conta a necessidade de seus seguidores é inseguro da própria identidade. Porque Jesus humilhou-se a ponto de lavar os pés empoeirados dos discípulos? Dizem as Escrituras que Jesus sabia que Deus lhe dera tudo e que ele vinha de Deus e voltaria para Deus. Jesus sabia de onde vinha e para onde ia. Ele era seguro de sua identidade. Sua dignidade não estava em jogo. Ele foi morto por ser essa a vontade do Pai, e sabia disso. E foi o que fez toda a diferença.⁵³

4.4. O Servo Sofredor – o lado sacrificial do ministério pastoral

Os textos bíblicos focados nesta obra fazem parte de um bloco de profecias de consolação. Porém, a figura que se sobrepõe a todas as demais é a do Servo Sofredor. O que está em cheque, até então, é o programa de redenção do cativo. A nação estava desolada, aos escombros. O Salmo 137 ilustra bem nitidamente a situação da nação babilônica e qual era o sentimento dominante do povo judeu na ocasião. Assim se expressa o salmista:

Junto aos rios de Babilônia, ali nos assentamos e nos pusemos a chorar, recordando-nos de Sião. Nos salgueiros que há no meio dela penduramos as nossas harpas, pois ali aqueles que nos levaram cativos

⁵²CRABTREE, A. R. *Op. Cit.*, p.61.

⁵³Blackaby, Henry e Richerd, A. *Liderança espiritual – Desenvolvendo Líderes Para Novos Tempos*, 2011. p.197.

nos pediam canções; e os que nos atormentavam, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos um dos cânticos de Sião. Mas como entoaremos o cântico do Senhor em terra estrangeira? Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha destra da sua destreza. Apegue-se-me a língua ao céu da boca, se não me lembrar de ti, se eu não preferir Jerusalém à minha maior alegria. Lembra-te, Senhor, contra os edomitas, do dia de Jerusalém, porque eles diziam: Arrasai-a, arrasai-a até os seus alicerces. Ah! filha de Babilônia, devastadora; feliz aquele que te retribuir consoante nos fizeste a nós; feliz aquele que pegar em teus pequeninos e der com eles nas pedras.⁵⁴

A providência divina implicava num líder que soerguesse e lhe devolvesse a glória do passado. Não seria um guerreiro feroz com a força extraordinária de Sansão do tempo dos juízes. Nem um senhor altivo e pomposo ou glamoroso. Mas sim, um **Servo sofredor**.

O texto em questão afirma que a salvação prometida não apenas a Judá, mas a todo o mundo, virá pelo Servo Sofredor, uma figura, no mínimo, extraordinária, apontando para o Messias. Pela narrativa bíblica, nesta parte do livro, não há sombra de dúvida alguma que a salvação vem de lahweh, através do seu Messias, não dos ídolos, nem de alianças diplomáticas e políticas. Ao tempo que, curiosamente, não se daria pela violência resultante de guerras, confrontos ou, até mesmo, conspirações, mas no contexto do sofrimento.

Apesar da teologia da prosperidade pregar a salvação **do** sofrimento, defendendo escancaradamente que sofrer não é de Deus, a Bíblia mostra que a salvação também se dá **no** sofrimento. Também, salienta-se aqui, que não há salvação **pelo** sofrimento, como advogam as doutrinas ligadas a reencarnação e purgatório. Mas sim, reafirma-se, a salvação é **no sofrimento**.

Fora assim com o Servo do Senhor, o Servo Sofredor, o nosso personagem. Mas é nítido o relato do sofrimento que ele suportaria. Sofrimentos na área emocional, em termos de desonra, de desprezo e humilhação. É relevante ater-se ao conceito que dá personificação da figura do Servo, cada vez mais mostrado como uma pessoa física, humana. Assim nossa concepção de que não resta

⁵⁴ Salmo 137.1-9.

dúvida de que os detalhes mostrados no texto vão remeter de forma mais nítida à pessoa de Jesus.

4.5 O Servo Sofredor - a personificação da genuína renúncia

São oportunas, a propósito, as palavras registradas do Senhor Jesus ao dizer: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me” (Mt 16.24). É bem verdade que a questão do sofrimento, avulta como nunca nesta parte do livro. Não é pra menos que este cântico, no ver desta autora, já afirmado em linhas anteriores, vir a ser um dos mais belos textos da Bíblia.

Ao tempo que também é um retrato perfeito de Jesus Cristo. Dispensando as opiniões contrárias, não seria possível, em hipótese alguma, penetrar no sentido mais profundo deste texto, sem que se enxergue aqui a pessoa de Jesus de Nazaré. Até pelo ponto de vista histórico não se tem notícia de que estas palavras coubessem tão bem a qualquer outro personagem bíblico ou vulto histórico.

Algo que se mostra patente é a disposição por parte do servo em renunciar-se, negar-se, anular-se. Para que os objetivos específicos pudessem se cumprir. Tal renúncia convence ao leitor do texto sacro de que seu sofrimento é necessário. A despeito do ensino contemporâneo que vê no sofrimento maldição e que ignora haver nele algum valor, por assim pensarem, erram, pois tal sofrimento é vicário, pois o sofrimento foi pelo povo, pelas nações pecadoras.

Sem a genuína renúncia não haveria este personagem citado pelo profeta. Numa aplicação contemporânea. Dai o chamamento vocacional. É quase unanime se ouvir depoimentos de pastores ou missionários referindo-se sua chamada ao Santo Ministério da Palavra dar ênfase a algo que renunciou antes de responderem positivamente ao chamado ministerial.

Sabe-se não serem poucas as circunstâncias que militam contra aquele que se propõe ouvir e atender ao chamado ministerial. O Dr. Almir dos Santos Gonçalves emprestou seu poema intitulado “SE” para o Dr. Ebenézer Soares Ferreira para introduzir uma serie de orientações na sua obra *Manual da Igreja e*

do Obreiro. O qual pinta um fatídico quadro daqueles que são chamados ao ministério. Vejamos então alguns trechos:

Se tu podes viver dia após dia a vida comum/ dos comuns deveres/ sem te irritares, sem te entediases,/ nem murmurares, e a paciência não perderes,/ trabalhando, ensinando, pregando e orando -/ e não mais tu viveres, mas Cristo em tu viver,/ Se, quando de ti pensarem mal e te julgarem mal,/ interpretando erradamente os teus motivos;/ quando te não compreenderem e te disserem agruras,/ tu poderes, nada obstante,/ pensar bem e bem agir,/ e continuar pensando/ sempre e tão somente/ tudo que é verdadeiro,/ tudo que é respeitável,/ tudo que é justo,/ tudo que é puro,/ tudo que é amável,/ tudo que é de boa fama,/ tudo que é virtuoso;/ (...) Se, em sombrios sulcos do pastoreio,/ não perdes a meta de tua vocação,/ e nos dias felizes, radiantes,/ tu caminhas sempre humilde como dantes;...⁵⁵

Valderlei Marins em seu livro: *Excelência no Ministério Pastoral* afirma ser o pastor alvo da incompreensão humana ao tempo que da assistência divina. Ele apresenta como referencial Paulo, quando se encontrava preso e ninguém esteve a seu favor ou em sua defesa. Assim observa Marins:

“Vejam que coisa: Alexandre falou cruelmente contra Paulo e o evangelho, mas seus amigos, por medo, silenciaram. Mas, graças a Deus que oferece o livramento. Paulo estava tão certo disso que declarou que o Senhor o assistiu, vestindo-o de forças e esteve ao seu lado.”⁵⁶

Marins também aborda sobre a vocação pastoral, põe em ordem os fatos ao dizer que antes de tudo é necessário que se constate no pastor a conversão. Nada de novo está se dizendo, até então, mas é relevante não “pular as etapas” na escalada da vida cristã. Portanto, a conversão é o ponto de partida para o sucesso espiritual, pois sem conversão não haverá suprimento divino no ser. Ela, a conversão, sintonizará o homem com Deus, liga a terra aos céus, muda o rumo da vida e altera os ideais da pessoa humana. Pra daí, então, poder haver vocação.

Aqueles que uma vez vocacionados tornar-se-ão administradores de inevitáveis situações, que se configurarão em crises – uma realidade que, embora que subjetiva, uma vez ocorrendo leva àquele que é chamado a grandes sofrimentos, Que em não poucas vezes o vocacionado mentalmente vivenciará uma alternância quanto a sua sensibilidade; em alguns momentos tudo parecerá está correto e, em outros, tudo parecerá estar errado. Essa instabilidade pode

⁵⁵ FERREIRA, Ebenezer S. Manual da Igreja e do obreiro. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

⁵⁶ Marins, Vanderlei Batista. *Excelência no ministério pastoral* – Niterói, RJ: Epigrafe, 2009, p.86-93.

redundar em dúvidas, medo e incertezas, dificultando que o vocacionado tenha convicção sobre o chamado de Deus e o que Ele quer para a sua vida.

Outro fator sofrível na vida do vocacionado são avaliações de terceiros. Pois a vocação projeta o indivíduo à opinião pública, tornando-o vulnerável às análises e questionamentos alheios. Assim muitos juízos de valor são emitidos, deixando a pessoa em dificuldade para identificar e avaliar as suas próprias reações no que tange ser ou não chamado por Deus para a obra sobremodo excelente, o ministério. Na opinião dos ministros mais experientes, quando a situação alcança este patamar, muitas confusões ocorrem causando prejuízos irreparáveis.

Outras situações que precisam ser administradas por aqueles que exercem a vocação, são críticas de familiares e amigos. Quando isso ocorre, os sentimentos tornam-se mais agudos. Pois, as pessoas que mais nos ferem são aquelas que mais amamos e conseqüentemente são mais próximas. Aprende-se o valor da família, sua contribuição e importância para a construção de um viver digno, estável e marcado pela benção de Deus. Da mesma forma compreende-se que as amizades são preciosas e que os verdadeiros amigos são como dádiva dos céus para nos alegrar na caminhada, no compartilhamento dos bons e maus momentos.

No caso dos familiares, tal crítica pode ter origem na insatisfação dos familiares. Pois que, desejavam para o candidato outra área de atuação, podendo chegar a fazer até pressão e ameaças, sendo as mais comuns, as retiradas da ajuda financeira ou, de forma mais ampla, não dispensar nenhum apoio ainda que moral.

Do mesmo modo os amigos podem agir com insinuações, desprestígio e críticas, levando-se em conta o alto nível de absurdos cometidos por alguns pseudo vocacionados e, até evocando as práticas veiculadas na mídia de escândalos envolvendo líderes religiosos, e a grande comercialização da fé, que para a sociedade não passa de exploração dos menos favorecidos, ganhar dinheiro fácil e desrespeito ao sofrimento dos desesperançados.

Ao chegar neste ponto, o vocacionado é alvejado por argumentações contrárias à sua vocação, o que torna muito mais difícil para ele romper com as

opiniões de pessoas que lhes são caras. Daí a necessidade de entender que nenhum comerciante da fé, nem os que em nome de Deus cometem escândalos ou qualquer sorte de torpeza, são paradigmas da verdade eterna.

Assim sendo, como não sofrer? Em vista de tendências geradas por homens, e que tais tendências uma vez existindo, ficam impregnadas na mente das pessoas com a forte mensagem palpitando de forma manipuladora no indivíduo acusando-o de que está na contramão da vontade de Deus e dos homens, quem quer não esteja em plena ascensão ministerial. Ou que, bastaram uns poucos indivíduos insatisfeitos com a conduta do vocacionado para colocar em cheque tudo que agora o mesmo representa para a sociedade, bem como para seu arraial religioso.

Finalmente, é importante frisarmos que, do ponto de vista geral, todo indivíduo que professa uma fé pessoal tem uma vocação religiosa. Pois, se cremos que a fé é o melhor canal para que o ser humano responda aos estímulos divinos, está correto afirmar que todo em qualquer indivíduo que professa uma fé religiosa é um vocacionado. Vocacionado em dois sentidos: tanto por exercitar a fé, como por sentir-se chamado a fazer alguma obra específica, realizando qualquer ofício no campo religioso. Mesmo que, para alguns, tal vocação pareça subjetiva, ninguém poderá refutar quem quer que possua alguma convicção no campo da fé. Pois, tal fator sempre será uma questão entre o indivíduo e o seu criador, mais que isso, entre a criatura e aquele que o criou, preparou e o comissionou.

V. CONCLUSÃO

A tarefa de identificar a verdadeira identidade do Servo Sofredor decisivamente não é não foi e sabe-se lá se em algum momento da história será uma tarefa fácil de cumprir. Diante dos mais diversos eruditos no campo da teologia e com as ferramentas disponíveis hoje ao exegeta bíblico, bem que poderia ser considerado o suficiente para se aferir com precisão total sobre as várias questões que agiram em torno da pessoa do Servo Sofredor, bem como, da autoria do livro.

Porém, tendo em vista segundo os de pensamento não tradicional não haver o consenso sobre autoria do livro e definição exata da figura do Servo Sofredor resta- nos a tarefa de apenas probabilizar a respeito de tais questões. Sendo que já o citamos no bojo da presente pesquisa. Restando então nos debruçar em torno de contribuições que o sofrimento em si do Servo Sofredor traz para a igreja atual.

É importante definir não apenas os sofrimentos em si, mas os meios pelos quais eles aconteceram na vida do personagem do quarto cântico. Caso o contrário poderíamos extrair conteúdos que pudessem reforçar determinadas doutrinas, que no caso desta autora, não seria compatível com seus princípios. Se não, veja o que então importa: Quanto a figura em si do Servo, já sabemos que ocorre na contramão das expectativas daquele e de todos os tempos da história. Dada a ausência de glamour, pompas, realezas, etc.

A esperança de dias melhores ou salvação como pode ser dito, não se daria pelo sofrimento no sentido que este fosse um instrumento purificador ou objeto de flagelo da parte de Deus. Tal sentido daria maior base para as doutrinas que comungam deste pensamento. Contudo, é prudente afirmar que a esperança se daria **no** sofrimento. Uma proposta relevante para os tempos atuais em meio a tanta incerteza, advindas de grupos religiosos que mercadejam a fé.

Apesar da teologia da prosperidade pregar a salvação **do** sofrimento, defendendo escancaradamente que sofrer não é de Deus, a Bíblia mostra que a salvação também se dá **no** sofrimento. Certo de que muito mais poderia ser

verificado, mas é bom lembrar que a pesquisa não tinha o propósito de exaurir todas as possibilidades do estudo proposto. Fica aqui o convite a que outros se debrucem sobre os resultados da pesquisa a fim de que outros desenvolvimentos sejam alcançados.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACHER Jr, Gleason. *Merece confiança o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

ANDRADE, Joaquim de. Teologia da Prosperidade. Em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/TeologiaProsperidade-JAndrade.htm>. Acessado em 29/11/2013.

BARROS, Ernesto Thenn – O livro de Isaías, São Paulo: Imprensa Metodista, s.d.p –

Blackaby, Henry e Richerd, A. *Liderança espiritual – Desenvolvendo Lideres Para Novos Tempos*, 2011.

GARMUS, L. Criação e história em Isaías 40-55. Estudos Bíblicos, Petrópolis, 2006,

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. W. Rudolph (ed.). Editio quinta emendata. Sociedade Bíblica do Brasil & Deutsche Bibelgesellschaft, 2009.

CRABTREE, A.R. *Isaías*.Vol. II A.R. Crabtree, A.B., D. B, Tr.D. 1ª Ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1967.

CRABTREE,A. R. *Doutrina Bíblica do Ministério*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1956.

CROATTO, J. Severino. *Isaías: A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55 – A libertação é possível. Série: Comentário bíblico. Petrópolis: Vozes, 1998.

GARCÍA MARTINEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERREIRA, Ebenézer Soares Manual da igreja e do obreiro. 9ª ed. – Rio de Janeiro: JUERP, 2002. 431p.

GARCÍA MARTINEZ, Florentino. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KLEIN, R. – Israel no Exílio. Uma interpretação teológica. São Paulo: Paulinas, 1990. 175p.

MARINS, Vanderlei Batista, Excelência no Ministério Pastoral. Niterói, RJ: Epígrafe, 2009. 159p.

PIXLEI.J.V. A História de Israel a partir dos pobres, 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 136p.

REIMER, Haroldo. A tradição de Isaías. Em: *Estudos bíblicos*, n.89. v.1. Petrópolis: Vozes, p. 9-18. 2006.

RIDDERBOS, J. *Isaías. Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1986.

SANT'ANNA, Elcio. *Criação e recriações cosmogônicas em isaías 51, 9-11: Um estudo do uso do mito cosmogônico pelo Dêutero-Isaías para o entendimento da comunidade dos cativos judaítas em Babilônia*. 123f. [Dissertação Mestrado – UMESP – SBC].

SCHMIDT, Werner. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sindal, 1994.

SCHWANTES, Milton. *Da vocação a provocação: Estudo exegético em Isaías 1-12*. São Leopoldo, 2011.

MAXWELL, John C. *As 21 Indispensáveis qualidades de um líder*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.